

EVOLUÇÃO TECTONO-ESTRUTURAL DA PARTE BRASILEIRA DA FOLHA OIAPOQUE, NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA FRANCESA

Maria Telma Lins Faraco¹; Hervé Théveniaut²; Jean Michel Lafon³; Liliane Cristina Lima Araújo⁴; Priscila Figueiredo Amaral⁵

¹ CPRM; ² BRGM; ³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ; ⁴ UFPA-CPRM; ⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

RESUMO: Os dados geocronológicos e os estudos das feições planares, lineares e dos indicadores cinemáticos registrados em meso e macro escalas na porção brasileira da Folha Oiapoque, a qual contém a fronteira Brasil - Guiana Francesa, mostram que estruturas dúcteis e rúpteis foram originadas durante os eventos de deformação das rochas, cuja evolução estrutural-metamórfica é parte integrante da concebida para os terrenos paleoproterozóicos do Escudo das Guianas, que por sua vez é a extensão daquela considerada para o Cráton Oeste Africano: polifásica e relacionada a uma colisão continental inicial a ~ 2,1 Ga. No sul da Guiana Francesa, região contígua a área enfocada, há registro de atuação de tectônica tangencial compressiva, que representa o estágio inicial de deformação (D1) da evolução tectono-metamórfica do escudo. Essa primeira deformação é distinguida em dois domínios de idades (2165 a 2100 Ma e 2095-2085 Ma). A segunda maior fase de deformação, iniciada em torno de 2,08 Ga, originou as falhas transcorrentes sinistrais (D2), e dextrais (D3), de direções NW-SE e E-W. Falhas transcorrentes sinistrais aproximadamente N-S que se estendem por até centenas de quilômetros, representam uma das feições mais marcantes no cráton Oeste Africano. Posteriormente, zonas de cisalhamento dextral NE-SW são amplamente desenvolvidas e interferem no trend transcorrente N-S sinistral. A passagem de tectônica tangencial para uma predominantemente transcorrente, clássica em terrenos colisionais, propicia o desaparecimento do caráter oblíquo da colisão. Essa situação ocorre na área mapeada, onde não foram observados registros do estágio colisional inicial. Certamente eles são obliterados pelas falhas e zonas de cisalhamento transcorrentes NW-SE e WNW-ESE a ENE-WSW, de cinemática dextral (a maioria) e sinistral, relacionadas, respectivamente, aos eventos D2 e D3, da segunda maior fase de deformação do Escudo das Guianas, e posteriores deformações registradas. O Grupo Vila Nova (2180-2130 Ma), representa o primeiro período de geração crustal por acreção juvenil naquela região. Uma fase seguinte de retrabalhamento crustal e acreção tectônica, com espessamento da crosta continental pelo emplacement de plutons graníticos, é testemunhada pelos Complexos Camopi, Oiapoque e a Suíte Cricou (2110-2098 Ma). Esses eventos são coevos à primeira deformação decorrente de colisão continental. O Granito Anotaié (2110-2087 Ma), contemporâneo ao evento D2 de deformação (~2,08 Ga) é o registro, na área trabalhada, de subsequente fusão parcial da crosta neoformada, e geração de leucogranitóides ao longo de zonas de cisalhamento conjugadas, como existente na Guiana Francesa. Deformação rúptil precursora à abertura do Atlântico, gerou falhas preenchidas por diques neodevonianos (Microgabro Oiapoque - 380 Ma), e enxames de diques N-S do Diabásio Cassiporé (210-200 Ma). Falhas dextrais e zonas altamente fraturadas de direção NE-SW testemunham o evento originário da Falha Oiapoque, ocorrente imediatamente após (200-190 Ma) o emplacement do Diabásio Cassiporé, cujas rochas são por ele fraturadas e recristalizadas. A exemplo do que ocorre no Cráton Oeste Africano, a presença destas estruturas na área cartografada é marcante. A Falha Oiapoque, por onde corre o rio homônimo, é não somente a mais expressiva representante deste episódio, como a mais notável estrutura, e o divisor natural Brasil - Guiana Francesa.

PALAVRAS-CHAVE: EVOLUÇÃO TECTONO-ESTRUTURAL; FRONTEIRA BRASIL-GUIANA FRANCESA; ESCUDO DAS GUIANAS.